

## **No mistério do sem fim equilibra-se um planeta**

Prof. Dr. Daniel Conte<sup>i</sup> (Universidade Feevale)

### **Resumo:**

*Este trabalho busca evidenciar as relações imagéticas existentes entre os imaginários de Brasil e Angola. Duas das obras de Pepetela servirão como ponto de partida para esta discussão: Lueji, o nascimento dum império e a Geração da utopia, pois nelas aparecem referências brasileiras na constituição dos discursos dos personagens. Estas narrativas mostram esplendidamente que cada um de nós, no lugar onde se encontra, só tem um horizonte e está na fronteira do mundo em que vive, e só o Outro com sua cultura pode nos oferecer aquilo que desditosamente falta ao nosso olhar: a ressignificação de nós mesmos. Como corpus teórico serão discutidos Gaston Bachelard, Mikhail Bakhtin, Ernest Cassirer, Stuart Hall e Hommi Bhabha.*

**Palavras-chave:** Pepetela, Brasil, Angola, Identidade, Diálogo.

### **Introdução**

O trajeto percorrido pelas literaturas da África lusófona é, em parte, o caminho da construção de suas Nações. Essas literaturas sobre as quais lançamos, muitas vezes, nosso olhar desconfiado, pela distância aparente, estão muito próximas de nós, de nossa cultura, de nossa religiosidade e de nossa produção literária – principalmente do nosso Regionalismo, a partir dos anos 40. É um caminho pensado em nível simbólico e prático. Uma edificação referencial de Nações emergentes que se erguem depois de séculos de um sistema colonialista devastador. Isso significa que a literatura da África colonizada é uma escritura que exerceu uma função importante para a organização de uma sociedade que se sonhou mais justa, solidária e fraterna e que, sob a égide da igualdade, conquistou sua liberdade – alheia, em parte, à rede simbólica que lhe foi imposta durante os anos de gesta colonial.

Já nas primeiras décadas do século XX, estendendo-se aos anos que seguem, a produção literária africana vai elevar o negro a um patamar de audibilidade dentro do fazimento produtivo de uma literatura de cunho marxista. Essa literatura é já influenciada pelo neo-realismo português e pelo romance social do Brasil e erguerá a voz contra as injustiças da sociedade. A fase de resistência se desenha nos anos 60 com o início das Guerras de Libertação, e o período pós-independências é o momento em que a literatura sofre violentas mudanças, como violentas são as modificações da ossatura social. Rita Chaves vai observar que surge, então, “a elevação de uma nova mitologia, capaz de fazer frente aos deuses eleitos pela gesta colonial, [indicando] a necessidade de uma apropriação da história” (2010, p. 14).

Essa necessidade a que se refere a autora, incita a ressignificação de signos culturais

que compõem, por exemplo, a literatura oral e traz elementos mítico-estruturantes em sua composição, além de ter funções pragmáticas como a de educar os Homens e perpetuar suas tradições. É neste espaço que a palavra toma uma importância singular na liturgia mítica, dando vida a arquétipos modelares.

Sobre a questão da palavra nas culturas africanas, Fábio Leite, professor e pesquisador do Centro de Estudos Africanos da USP, observa que a palavra oralizada difere-se da escrita, pois

A escrita liga-se à instrumentalização, a palavra à ação do homem e à relação social direta. É por isso que nessas sociedades, aliás plenas da mais complexa simbologia, grafada ou não, a escrita não foi adotada, decidindo-se pela observância das normas ancestrais que propuseram a otimização do humanismo que deve reger a vida, cabendo à palavra um papel decisivo nesse processo: sua utilização permite a captação mais vital da realidade, do conhecimento e de sua transmissão (1992, p. 38).

É no espaço fugidio da palavra – entre a fala e a escritura – que um mundo outro tenta o equilíbrio, um intento, muitas vezes, difuso e desterritorializante que deslembra a organização social milenar africana, avassalada, sobremaneira, pela interferência colonial e pelo olvido induzido da complexidade simbólica primeva. É nesse jogo entre o discurso já dito e aquilo que se tem por dizer que os atores sociais e os sentidos se movimentam para se ressignificar.

### **Da ressignificação**

Em época de descrença e de fragmentação e de diluição de referências e, ainda, paradoxalmente, de demarcação de fronteiras com a ostentação bélica ou com a construção de imensas muralhas que só separam seres com anseios iguais, a construção das relações há de estar cada vez mais pautada no diálogo. E a palavra - instância primeira do dialogismo - nos ergue soberanos estejamos onde estivermos, sejamos quem formos.

A redenção do sujeito vem pela constituição e pela leitura do mosaico sógnico do imaginário, pelo signo absoluto e pleno de pluralidade, pela escrita. E não há outra possibilidade, generalizando a afirmação – de estabelecermos uma relação de construção se não for com o Outro e desde o Outro, porque o arame que nos limita geograficamente não é capaz de obstar nosso devaneio de permeabilidade alheia, nosso devaneio de estarmos contidos no Outro que nos refrata.

É a partir dessa perspectiva que esta pesquisa se constrói, partindo de uma sistematização de signos culturais que compõem o imaginário de nações tão distantes e tão próximas como Brasil e Angola, representadas na produção literária de Pepetela. É desde essa organização que o desejo se sobrepõe ao receio e nos erguemos plenos do Outro, sedimentando vozes outras que agora se desenham autônomas, independente da vontade da História.

Faz-se bem, e de bom tom, dizer que signo é tudo aquilo que significa ou produz

significação. Contudo, é importante que saibamos que a significação não é “dada” ou “decalcada” sobre imagens específicas, o que acontece é que as relações dialógicas estabelecem a funcionalidade da produção de sentido que está sempre em nós desde o Outro e no Outro desde nós. O Outro que nos alicerça como nós o sedimentamos, num eterno ir e vir de percepções próprias-alheias que passam a nos orbitar e se tornam referenciais. É certo que temos referências particulares e únicas, mas é certo também que qualquer que seja o sujeito social, em qualquer esfera, é e está sempre em relação de complementariedade com seu Outro que lhe serve de espelho, num jogo de identificação imaginária. Assim, o Eu, o Outro e um Outro-eu-meu, que se vai formar a partir das relações estabelecidas e que se vai fixar como o ponto de colmatação, estão relacionados de forma tão ampla e tão intrínseca que passam a existir quase que completamente devido à existência dessa acentuada relação de alteridade. Os resultados parciais desta pesquisa aqui reunidos evidenciam muito bem essa relação de respeito pela singularidade e consciência de que esta singularidade é plena, múltipla e altera. Evidenciam esplendidamente que cada um de nós, no lugar onde se encontra, só tem um horizonte e está na fronteira do mundo em que vive, e só o Outro com sua cultura pode nos oferecer aquilo que desditosamente falta ao nosso olhar: a ressignificação de nós mesmos.

Assim, esse texto tem como ideia primeira conversar sobre a construção da identidade angolana e a permeabilidade de referências literárias e regionais brasileiras em seu processo de organizacional, partindo da análise teórico-crítica das obras de Arthur Mauricio Pestana dos Santos, Pepetela. O autor traz em seu dizer literário uma hibridização da base africana civilizacional e da influência euro-ocidental. Nasceu numa região fronteira, deslizando sempre nas bordas do velho reino de Benguela, local onde terminava a cidade branca e começava um emaranhado de necessidades criadas pela desorganização colonialista, que denominavam os africanos de Musseque (originalmente terra vermelha, mais tarde os bairros periféricos e pobres de Luanda, as favelas). É constructo, como o é a cultura angolana em si, de uma hibridização da base cultural africana e do fluxo do imaginário europeu.

É a partir de tal posição, propondo uma visão crítica referente à História angolana que podemos afirmar que procura, Pepetela, sempre uma releitura de sua condição de sujeito dizente. Com uma visão não apenas do ponto de vista da colonização, da versão oficial, mas a do interior, ou seja, assumindo a voz daquelas populações que viveram a História de fato, longe de um espaço discursivo nacionalista, o autor introduz ao aspecto historiográfico africano uma questão importante: a “da ampliação da audiência do historiador profissional, a de permitir um acesso mais amplo à história de um padrão profissional do que aquele normalmente permitido pelos nobres acadêmicos profissionais e seus alunos” (SHARPE, 1992, p. 55), trazendo as possibilidades ressignificadoras.

Isso, afirma Sharpe (1992, p. 54), cumpre duas importantes tarefas:

A primeira é servir como um corretivo à história da elite [...] A Segunda é que, oferecendo esta abordagem alternativa, a história vista de baixo, abre a possibilidade de uma síntese mais rica da compreensão histórica, de uma fusão da história da experiência do cotidiano das pessoas com a temática dos tipos mais tradicionais da

história. Inversamente, poderia ser argumentado que a temática da história vista de baixo, os problemas de sua documentação e, possivelmente, a orientação política de muitos de seus profissionais criam um tipo distinto de história.

Embora esteja Sharpe fazendo uma análise da história social inglesa, é possível que me aproprie desse estudo e rearranje-o dentro do contexto africano, uma vez que a relação do homem com a História se constrói em seus embates diários ao longo dos anos, ou ainda, sempre haverá uma voz homogeneizante a ser contestada e um discurso totalizador a ser redito por aqueles que o “sofreram”. Na tessitura da ficção do autor angolano o mito aparece sempre como uma espécie de justificativa ideológica do “animal histórico”, evidenciando o estado condicionante do imaginário e condicionado do Homem. No pensamento do historiador Joseph Ki-Zerbo (1972), a procura da identidade para os africanos faz-se pela reunião dos elementos dispersos na memória coletiva e pelo silêncio primevo que põe homens e mulheres em contato com o espaço sacro, com o devaneio. Isso será uma constante nas obras de Pepetela: os elementos culturais produtores de sentido da identidade primeira africana. É Manuel Alegre que escreve que (1995, p. 19) “Pepetela não é só o maior romancista da África que se exprime literariamente em português. Ele é o escritor da língua portuguesa que mais intensamente, e melhor do que nenhum outro, fixou nos seus livros o itinerário e o perfil de uma geração”.

Seus personagens são ícones de uma ossatura social em evidência. Representações em todos os âmbitos do espaço e da História de Angola, personagens que transitam desde a organização do Império Lunda, em *Lueji, o nascimento de um império* - uma narrativa que coloca lado a lado o arcaico e o contemporâneo - passando pelo intento de buscar no Brasil as referências necessárias para um nacionalismo de consciência mestiça, até o desencanto do pós-revolução, em *A Geração da Utopia*.

O escritor apresenta arquétipos que estabelecem uma organização e funcionalidade da resistência que produzem uma guerra civil silenciosa com a corrupção e que transgridem as tradições e que condenam e geram a desolação e o deslocamento, é, então, um escritor que relê processual e continuamente sua condição de ator social, elevando o regional, aquilo que alimenta a aridez das gargantas secas de grito e sede, a um patamar da universalidade condizente a sua existência. É muito pouco provável que encontremos em outro escritor de África um panorama tão amplo, tão pleno e tão falável da História de um país.

É aí que surge a feitura de uma narrativa sedimentada desde um alicerce intercultural, auto-referencializando-se, gestando um leitor já permeado de anseios plenos. Faz, ainda, o que Barthes ensina n’*o discurso da História* (1985): eleva sua literatura a uma possibilidade de leitura a mais, como fonte documental para os historiadores. Nesta perspectiva, as obras *Lueji, o nascimento dum império* (1990) e *A geração da utopia* (2000) são significativas, porque ao longo da malha narrativa seus personagens se referem ao Brasil como um Norte seguro para a construção de sua identidade Nacional que, em crise devido às sucessivas guerras de libertação, se está reordenando, importante que se diga, reconstruindo-se, refazendo-se em mosaico múltiplo. É relevante, ainda, dizer que, de acordo com a professora Rita Chaves (2006, p. 33), desde

o século XIX, mas, sobretudo, a partir dos anos 1940, os escritores africanos nos territórios ocupados por Portugal alimentam com a literatura brasileira um vivo processo de interlocução, que ganha vitalidade quando se reforçam os projetos de construção de identidade nacional, fenômeno que se estende pelo período das lutas que antecederam a libertação de países como Angola, Cabo Verde e Moçambique. Antônio Jacinto, Mário Antônio, Luandino Vieira, José Craveirinha, Gabriel Mariano, [Pepetela], entre outros autores empenhados na formulação de novos modelos culturais que servissem de base para o debate sobre a libertação, vão encontrar na obra de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós, José Lins do Rego, por exemplo, uma fonte de inspiração para as propostas que pretendiam desenvolver.

Contrapondo-se, assim, aos modelos impostos por Portugal que tentava, ainda, perpetuar-se culturalmente com sua prática esvaziada de sentido nas colônias. Como refere Chaves, era nos textos brasileiros que iam buscar elementos capazes de refletir novas formas de ver o mundo. Nessa relação surgem personagens leitores que se leem na tessitura textual e, ao se lerem, leem o Brasil, pois invocam o país e sua literatura. N’A *geração da utopia*, o ponto de contato se dá pela literatura, pelo reconhecer-se na linguagem daqueles que sofreram semelhante processo de colonização, o Outro distante geograficamente, em verdade, é um alheio-próximo que se acerca pela via cultural mais importante: a língua. É de notório saber, mas se faz importante redizer aqui que foram africanos os primeiros países a reconhecer a independência do Brasil no século XIX.

No dia 4 de dezembro de 1824 passou pelo Rio de Janeiro, a fim de comunicar a Dom Pedro I o reconhecimento da independência do Brasil, o Imperador do Benin e Rei de Ajan, vassalo do Obá do Benin (também denominado nos livros de História como Onin ou Lagos). Essa ação diplomática não se dá à revelia, pois “Missões dos Reis de Abomé, de Onin e de Porto Novo tinham sido frequentes durante o período colonial, pois era por meio da Bahia que o governo português mantinha o grosso de suas relações não apenas com os estados africanos, mas também com Angola”, como nos explica Alberto da Costa e Silva.

Já em Angola cujas

relações diretas como Brasil eram tradicionalmente mais intensas do que as com a metrópole portuguesa, a notícia do 7 de setembro de 1822 teve forte impacto e consequências imediatas. Surgiu, desde logo, em Benguela, uma corrente política favorável à união daquele território ao Brasil. E, dos três deputados angolanos eleitos para as cortes gerais portuguesas, dois, na viagem para Lisboa aderiram à causa da independência brasileira e ficaram no Brasil: Euzébio de Queirós Coutinho Matoso Câmara e Fernando Martins do Amaral Gurgel e Silva. O terceiro só seguiu para Portugal depois de muito hesitar. (COSTA E SILVA, 2003, p. 14)

Essa atitude dos deputados foi de repercussão tal e gerou uma divisão entre os partidos políticos e a opinião pública. Portugal, receoso de que houvesse uma junção entre os territórios brasileiro e angolano, o que abalaria econômica e socialmente a metrópole e a tornaria insustentável, tranquilizou-se somente à assinatura do Tratado de Reconhecimento

da Independência do Brasil, com a mediação da Inglaterra no dia 29 de agosto de 1825. Essa relação se estenderá nos imaginários africano e brasileiro e pautará muito da produção literária das duas nações.

Essa permeabilidade, Pepetela deixa evidente n’*A Geração da Utopia*, numa crítica aos portugueses, Horácio, o poeta, fala aos amigos:

Qual Camões, qual Pessoa, Drummond é que era, tudo estava nele, até a situação de Angola se podia inferir na sua poesia. Por isso vos digo, os portugueses passam a vida a querer-nos impingir a sua poesia, temos de a estudar na escola e escondem-nos os brasileiros, nossos irmãos, poetas e prosadores sublimes, relatando os nossos problemas e numa linguagem bem mais próxima da que falamos nas cidades. Quem não leu Drummond é um analfabeto (PEPETELA, 2000, p. 31).

É contundente a afirmação do personagem! “Quem não leu Drummond é um analfabeto”. É bastante significadora na afirmação a referência ao poeta brasileiro como o norte de leitura da poesia do sujeito angolano e da negação de Camões e Pessoa - do distanciamento de sua linguagem, da abissal diferença frustrado intento de colonialismo estético. A reação do dizente angolano é o alicerce daquilo que se desenha naturalmente na História: a sedimentação do oceano, depois da palavra. Depois que a poesia obteve a estranha “arquipotência sagrada ao ser proferida”, como coloca Cassirer (1972), o oceano virou ponte e o acesso estava dado.

## **Conclusão**

As relações entre Brasil e África construíram boa parte da História mundial, bem porque o comércio de escravos foi desastroso para o desenvolvimento da África, de Angola especificamente, ao passo que foi a base civilizacional do Brasil. Se assim não fosse, a presença portuguesa possivelmente teria sido abreviada. Isso levou à manutenção do território em constante situação de imobilidade política e militar, subordinando Angola ao Brasil e Brasil a Portugal, numa relação fornecedor/fornecido, porque a “África tornou-se a única fonte capaz de oferecer ao Brasil a gente que necessitava para ocupar seu vasto território, assegurar sua unidade e transformar-se numa grande nação. E o africano apesar de oprimido, humilhado e reduzido em sua humanidade pela escravidão, cumpriu esse papel e deixou sua marca profunda em todos os setores da vida brasileira” (SILVA, 2003, p. 23).

A rede imaginária que se forma a partir dessas relações históricas está muito bem representada ao largo da produção da literatura brasileira e na literatura angolana que vem com a independência. O Brasil povoa o imaginário de Angola, como o país africano, a nossa cultura, bem porque “é pela imagem que a alma humana representa com maior exatidão ainda as virtudes” (DURAND, 1999, p. 19). Estamos perpetuados na África, como a África está em nós solidificada de alguma forma. Como a nossa terra deu-se fértil para

que os negros culturalmente a fecundassem. Como se deu de alimento, pois muitos dos senhores cuidavam seus cativos jogando a comida ao chão e “seminus, os escravos dela se apoderavam num salto de gato, comida misturada com terra, engolindo tudo sem mastigar porque não havia tempo a esperar diante dos mais espertos e mais vorazes” (VILHENA, 1969, p. 185). Essas relações são uma teia de percepções e enleios culturais, muito antes do que qualquer outra impressão, fazendo com que haja um constante diálogo de representações do imaginário cultural que se edifica permeado de influências. O que nos fica é o diálogo, a confluência de vozes, é a África que cada um de nós traz em si. O que fica é a poética da mescla das referências, um fazer regional que em sua plenitude multifacética constitui uma realidade universal.

Parece-me, contudo, relevante afirmar que a ossatura das relações entre Brasil e África está contida na palavra, a mesma palavra que atravessava o oceano para trazer o reconhecimento da soberania brasileira pelos africanos; a mesma palavra que vinha da Metrópole para estabelecer uma fixidez impossível do imaginário autóctone como um expediente ingênuo e desprovida de uma capacidade semântica intrínseca; a mesma palavra que cruzava o oceano na proa dos navios para comunicar os anseios dos escravos de aqui para suas famílias de lá e que servem, agora, para que comecemos uma releitura de nós mesmos, dando conjunções ao nosso imaginário.

### **Referências Bibliográficas**

- BACHELARD, G. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1993a.
- \_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1993b.
- BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BURKE, P. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.
- BURKE, P. **A Escola dos Annales**. São Paulo: Unesp, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1985.
- CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

- CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 1999.
- DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 1999.
- ELIADE, M. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- KI-ZERBO, J. **História da África Negra**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1972.
- MACHADO, A.M. & PAGEAUX, D.H. **Da literatura contemporânea à teoria da Literatura**. Lisboa: Edições 70, [199-?]
- MARTINS, R. P. **A diplomacia da prosperidade: a política externa do governo Costa e Silva**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - IFCH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999. 160f.
- PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. São Paulo: Ática, 1981. \_\_\_\_\_. **Mayombe**. São Paulo: Ática, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Yaka**. São Paulo: Ática, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Lueji: o nascimento dum império**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A geração da utopia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- \_\_\_\_\_. **O cão e os caluandas**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1996a.
- \_\_\_\_\_. **Parábola do cão velho**. Lisboa: Dom Quixote, 1996b.
- \_\_\_\_\_. **O desejo de Kianda**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- RODRIGUES, J.H. **Brasil e África: outro horizonte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SARAIVA, J. F. S. **O lugar da África**. Brasília: UNB, 1996.
- SHARPE, J. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história. Novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p.39-62.
- SILVA, A. da COSTA e. **Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. SILVA, T. T. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- TUTIKIAN, J. **Velhas identidades novas: o pós colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.
- VILHENA, L. Dos S. **A Bahia do século XVIII**. Salvador, Itapoã, 1969.

---

<sup>i</sup> Daniel Conte é doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana pelas UFRGS e professor do curso de Letras da Universidade Feevale. danielconte@feevale.br